

APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA

Mariana de Melo e Silva Amaral¹

“educação como uma tentativa constante de mudança de atitude” Paulo Freire

O presente artigo é fruto da escrita de uma monografia apresentada na Universidade Federal Fluminense que discutia a questão da apropriação da língua escrita a partir de minhas vivências em sala de aula. O texto não pretende ser uma resposta apenas aponta reflexões e caminhos possíveis para o trabalho com alfabetização, leitura e escrita em sala de aula.

Para isso abro um baú de memórias trazendo para este pequeno texto algumas situações que me tem conduzido à reflexão, à pesquisa e à construção do saber como docente. Sou professora na rede municipal de Petrópolis há cinco anos. Comecei trabalhando com as séries iniciais e minha primeira turma foi uma segunda série, hoje terceiro ano. Depois trabalhei com turmas de segundos anos e uma turma de primeiro ano, antiga classe de alfabetização. Percebi que algumas crianças mesmo após o primeiro ano ainda permaneciam com algumas dificuldades: liam soletadamente, presas a cada sílaba, assim perdendo o sentido do texto não sendo capazes de me dizer sobre o que o texto falava e escreviam com bastante dificuldade sem se arriscar muito no desenvolvimento de um texto preferindo usar frases curtas em sequência.

Fui observando que essas crianças precisavam de uma atuação pedagógica que as fizesse avançar, pois caso não avançassem permaneceriam sempre sem o domínio da linguagem escrita: *“essas crianças podem se ver diante do portal do mundo letrado sem dispor de chaves.”* (ZACCUR, 2005:71). Como fazer com que essas crianças advindas das classes populares também tenham a chave para entrar nesse mundo letrado? Como pergunta o poeta: *“trouxeste a chave?”* (DRUMMOND). Estão diante de uma porta mágica sem poder abri-la.

A busca pelas minhas chaves

Buscando estratégias e caminhos, me colocando em uma escuta mais sensível de modo que pudesse aprender com as crianças e construir com elas, fui trazendo atividades e vendo como eram recebidas pela turma e por cada criança. Ainda sem

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense

muita fundamentação, trabalhando mais com a intuição docente e com a vontade de ajudá-las a avançar.

Algumas atividades começaram a me apontar caminhos possíveis. Desejava como Freire (1987) que a alfabetização

fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, características dos estados de procura, de invenção e reivindicação. (104)

Um dos momentos que me forneceram pistas foi o da contação de histórias. Teci um fio com minha memória infantil junto com esse de ser docente. Histórias sempre me fascinaram, adorava ir à biblioteca, abrir livros, descobrir o que tinha em seu interior: *“chega mais perto e contempla as palavras”* _ nos chama novamente o poeta. E vi que poderia levar esta minha paixão aos meus pequenos, pois a maioria das crianças ama uma boa história, contada com muita graça, em que a professora, como fada descortina o mundo das letras lendo e relendo narrativas e poesias infantis. Contar histórias me apontou que i) as crianças ficavam atentas e em absoluto silêncio, um silêncio de quem saboreia palavras lidas e ouvidas ii) o desejo dos alunos pela literatura aumentava a cada história contada ou cada livro folheado iii) as histórias narradas davam a eles repertório de escrita.

Para onde os meus pés gostam de ir
Os meus pés são alienígenas
vêm de outro mundo e têm
uma nave espacial eles são
de saturno e o outro pé é
de jupiter e um dia eles
caíram e chuveu meteoros e
chocolate e dez ovos e 3 porcos
e um tijolo atingiu o 2 pé
um tijolo mi-acerto?
diz o 2 pé e o 1 pé diz
e mesmo e eles voltaram para
casa.

Além do contar histórias, onde geralmente eu lia para eles, eu emprestava livros para que manusessem livremente. Os que já sabiam ler costumavam escolher e ler o livrinho escolhido para si mesmo ou para um amigo, os que ainda não liam inventavam histórias a partir das figuras, criavam sua própria leitura, imitando um leitor fluente passavam o dedinho por cima do texto e inventavam suas próprias narrativas. Se era uma história conhecida como Chapeuzinho Vermelho essa leitura era facilitada pela memória. Este momento propiciava a interação, a socialização, a troca e a descoberta.

Quando conseguiam ler alguma palavra, título ou trecho costumavam me mostrar o que já sabiam, como uma aluna que se aproximou de mim com o livro e me disse: "Tia, eu sei o que está escrito aqui!" Destaco o eu sei para marcar a afirmativa

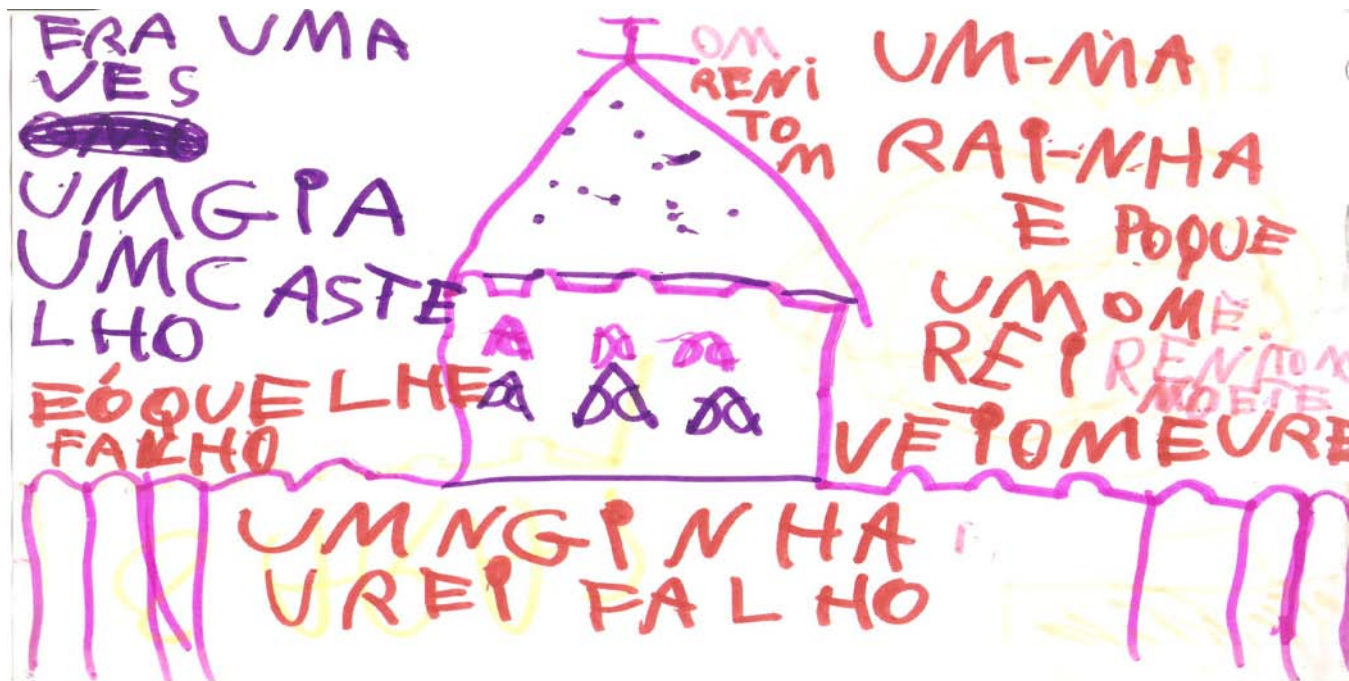
da criança que, ao descobrir o título do livro, descobre-se leitora capaz de dominar um saber. Descobre-se sujeito do saber ou seja se sentiu empoderada por esse saber que não é mais uma distância mas uma aproximação, uma possibilidade: eu sei. Manguel (1997:18) teve este mesmo sentimento de empoderamento quando descobriu o que estava escrito em um cartaz: *“eu e as formas (as letras) estávamos sozinhos juntos, revelando-nos em um diálogo silenciosamente respeitoso. Como conseguia transformar meras linhas em realidade viva (a palavra cheia de significado), eu era todo-poderoso. Eu podia ler”*. Já não é mais a professora que lê para ela, ela sabia ler também. E ela abriu o livro arriscando ler também seu interior e fomos lendo juntas a história. Esse ato de ler junto parece-me que fortalece o leitor inicial, dando-lhe segurança para ir em frente e continuar.

A leitura feita assim, leitura ouvida, compartilhada, é prazerosa, significativa e está inserida em um tempo-espço de importância para quem o vive, seja na escola ou em casa (para aqueles que têm oportunidade de vivenciá-la com seus familiares).

Outras aprendizagens também estavam sendo feitas por mim: i) a criança desde o nascimento está em um movimento aprendente ii) a escola deve considerar esse movimento aprendente e instigar a criança a descobrir, criar, arriscar iii) quando a professora provoca o desejo da criança pela descoberta os saberes e fazeres são construídos.

Esse momento de contação de histórias ou roda de leitura proporciona à criança também observar a postura de um leitor fluente. Enquanto um adulto lê a criança observa sua entonação, pausas, postura, movimento de olhos. A criança vai obtendo informações sobre o ato de ler enquanto lê ouvindo. Não apenas isso, a criança vai conhecendo um pouco mais de sua língua materna enquanto escuta histórias. Obtém vocabulário, devido às novas palavras que conhece, capta a estrutura do texto escrito gravando expressões que marcam a narrativa (como era uma vez, há muito tempo atrás e viveram felizes para sempre) ou identificando rimas distinguindo poesia de texto narrativo e ainda percebendo a diferença da língua coloquial e da formal.

As crianças vão aos poucos desenvolvendo, assim, sua própria capacidade de narrar e desenvolver histórias. As histórias ouvidas vão fornecendo uma linguagem, uma construção narrativa que a criança se apropria e utiliza em várias situações, lendo imagens para si ou para alguém, lendo ou escrevendo uma história.



Todos lêem o mundo, as cores, os sentimentos, as sensações - há várias leituras possíveis. “Todos lemos a nós e ao mundo a nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Ler, quase que respirar, é nossa função essencial.” (MANGUEL, 1997:20). Ler os cheiros, as expressões, as artes, as cores, as pessoas, a moda, a palavra. Quando lemos a palavra levamos para essa leitura o mundo, as cores, os sentimentos, as sensações que nos cercam. A escola precisa considerar essa diversidade de leituras abrindo possibilidades na formação de pequenos escritores e leitores. Paulo Freire fala dessa leitura de mundo que precedia a leitura da palavra.

“Penetra surdamente no reino das palavras

Lá estão os poemas que esperam ser escritos”

As crianças acham chaves...

E assim ao sabor das histórias as crianças foram penetrando no mundo das palavras, descobrindo possibilidades, pensando, criando suas hipóteses, agindo e interagindo. Foi assim que estudando sobre alguns animais do mar e experimentando brincar com as letras do próprio nome que um aluno usando as iniciais do nome me perguntou:

_ Tia, o que está escrito aqui?

_ Mar – lhe respondi

_ Tia, dentro do meu nome tem a palavra mar?!

Essa descoberta desencadeada pelo desejo da criança de aprender a ler e escrever, provocada pela leitura de livros e pesquisas sobre animais desencadeiam outras novas descobertas e possibilidades de escrita, isso ocorre porque é a cognição e não a repetição de exercícios que está envolvida na aquisição da língua escrita. Esta criança a partir do que já domina, a leitura e escrita de seu próprio nome, busca outras possibilidades de escrita, outras combinações.

Ana Teberosky e Emília Ferreiro (1999) falam sobre o sujeito cognoscente, aquele que pensa, que age, que busca adquirir conhecimento e mostram a criança como esse sujeito. Dialogando com a teoria de Piaget, elas vão percebendo e mostrando que a criança pensa e age sobre objetos construindo conhecimentos. A criança posta em contato com a cultura escrita desde pequenininha é capaz de perceber e saber a natureza daquela cultura e seu objetivo. Portanto, a criança sabe que não se trata de uma lista de palavras desconectadas ou de sílabas soltas. Uma criança sabe/percebe que aquilo que está escrito tem um sentido. Uma história, por exemplo, está escrita e possui sentido. No jornal ela vê uma ilustração com um texto e ela sabe que aquele texto se relaciona com aquela figura. A criança que é colocada em situações de leitura e escrita percebe isso mais rapidamente.

“Tia, o que a palavra gol está fazendo dentro da palavra golfinho?” Foi a descoberta anunciada por outra aluna ao observar a palavra golfinho. Ela percebeu na sonoridade que a primeira sílaba da palavra era também um outro signo da nossa língua, pois nos lembra um outro significado. Muito recorrente em nossa cultura *gol* é uma palavra cheia de significado, está sempre na mídia e nas manchetes de jornais. Depois desta descoberta, várias outras palavras foram faladas que começavam ou rimavam com golfinho, as associações feitas pelas crianças desencadearam hipóteses de escrita e/ou leitura e a apropriação da língua foi ocorrendo de forma mais natural em um processo onde a criança é considerada sujeito cognoscente.

A alfabetização com textos e o uso frequente de literatura infantil me apontou caminhos no ensino da língua escrita. Em minha busca, fui tendo contato com teóricos que me ajudaram a refletir sobre minha prática e descobrir outros possíveis caminhos. Pude observar que a insegurança inicial das crianças foi se dissipando e estando seguras ousaram arriscar mais, desejaram ler e escrever. Seus saberes foram aparecendo e em uma proposta dialógica de ensino-aprendizagem vários conhecimentos foram construídos por elas e por mim.

“Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra”

Na escola sem penetrar no mundo das palavras...

Tive a oportunidade de trabalhar e ainda trabalho com as séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Sou formada em Letras e fui lecionar Língua Portuguesa, também na rede pública, para os adolescentes. Surpresa, encontrei alunos que permaneceram *diante do portal do mundo letrado sem dispor das chaves* (op. cit.), *as mil faces secretas* das palavras ao invés de convidá-los, os afasta. São aqueles que já passaram mais de seis anos na escola e ainda não dominam a leitura e a escrita.

que não ousam sair do risco do bordado. São os que se deixam aprisionar na bitola estreita de uma ordem que os coloniza e termina por silenciá-los duplamente: não avançam no domínio da expressão oral, nem conseguem atingir a aquisição do código escrito. (ZACCUR, 2005:71)

e me questiono por que esses alunos apesar de estarem há tanto tempo na escola ainda são analfabetos funcionais? Por que ainda se sentem inseguros diante da leitura e da escrita?

A folha em branco – convite à escrita, ao desenho, à criação – tornou-se um obstáculo e a escrita é um desafio difícil de vencer. Parece que, para esses, escrever é uma tarefa que eles não podem, de fato, dominar. É como se no decorrer de sua história na escola fosse-lhe roubada a palavra, de tão tutelada já não é mais dele. Ouvi alguns, diante do desafio de produzir um texto, me responderem: *“não vou fazer porque eu não sei”* ou me questionarem *“quantas linhas?”* como para se certificar do quanto devem produzir para cumprir esse dever. É uma linguagem travada que pode ser fruto de uma ação pedagógica onde se enfatiza o repetir sem sentido, o fazer mecanizado, o dever.

A linguagem é o *“verdadeiro recheio da cultura e se constitui tanto um terreno de dominação quanto um campo de possibilidade”* (GIROUX, 1990:8) Conforme Vygotsky também aponta *“o crescimento intelectual da criança depende dos domínios dos meios de pensamento, ou seja, da linguagem”* (PERONDI, TRONCA e TRONCA, 2001: 43). Como provocar o pensamento, a expressão e a criatividade?

Observo que é no ambiente escolar que a maioria das pessoas mais lê ou mais tem contato com livros e histórias e, assim sendo, seria um ambiente formidável de

formação de leitores se não fosse dado à leitura, em um determinado momento da escolaridade, um peso de fardo e dever que necessita ser cumprido, e muitas vezes em silêncio. Esse momento seria o da passagem do momento de alfabetização para as séries seguintes, pois percebo que a preocupação excessiva de alguns professores com os conteúdos muitas vezes reduz o momento de leitura e escrita às aulas de Português, aos textos do livro didático, a idas (poucas idas) à biblioteca.

A leitura do texto escrito, afirma Freire (1997:20), “*é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante.*” A leitura pode ser um ato silencioso e individual, ou um ato coletivo e sonoro, com direito a comentários, construção de sentidos, de ponto de vista, de confrontos entre visões de mundo, entre conhecimentos. A leitura pode assumir várias faces: é lúdica no primeiro momento, e é fardo em outro. É prazer no primeiro momento, e é dever no outro.

Chegando mais perto...

Baseada na experiência que vivenciava com as séries iniciais, busquei alternativas para estimular os adolescentes e resgatar o tempo “perdido”. Comecei a trazer os textos, não aqueles picotados do livro didático. Leram crônicas, poesias, lendas, mitos... Li livros para eles. Sugeri que mudassem o final de alguma história, que criassem seu próprio conto, em dupla ou sozinhos, que criassem seu próprio mito, que reescrevêssemos uma poesia, individual ou coletivamente. Os que tinham dificuldade demoravam mais, me pediam ajuda, arriscavam menos linhas, buscando um caminhar mais seguro. Os que tinham mais domínio mergulhavam mais tranquilamente na escrita.

DATA 10/06/08

O deus usou peito da deusa momentos
surdos e um dia percebeu nas almas da
moça um brilho diferente, e desse brilho
criou as surdas estrelas e as nomeou
e as agrupou como nome da deusa; constelação
A deusa ficou encantada e cada dez mais
aparecida.
mas como toda história melosa tem uma
em melã de corangulãço, se sinal não
peçoa var feliz.

A resposta para a pergunta *quantas linhas?* Era sempre *quantas você achar necessárias para sua escrita*. Assim fui percebendo que se sentiam menos “amarrados” para escrever. Após um ano de trabalho os textos foram ganhando mais linhas e mais estrutura. Sinais de pontuação, parágrafos e estilos foram aparecendo. A busca pela leitura também foi aumentando e o prazer de ler um texto simplesmente por ler e desfrutar da leitura, saboreando, como os pequenos, também foi reaparecendo.

***“e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?”***

Ainda não tenho respostas para muitas questões desafiantes que surgem diante de mim e nem pretendo dar conta de respondê-las todas, mas sei que as perguntas me levam à pesquisa e me provocam a procurar. Quero estar diante da porta e ouvir a

pergunta: trouxeste a chave? Sem pressa de despertar os poemas. Como disse no início desse texto ele não é uma resposta pronta nem um manual. É constituído de reflexões, de descobertas que têm me ajudado na minha prática docente e tem me levado a pesquisar.

Leitura e escrita podem ser bem trabalhadas e estimuladas na escola, vivenciadas como experiência, como possibilidades de criação e emancipação. Se a escola deixar de ser, fazendo uma analogia com Boaventura Santos (2007), um lugar de *monocultura de saber* e se deixar ser um espaço de vivência, experiência, construção de saberes.

A linguagem é possibilidade para criar, expressar, sonhar, libertar. É possibilidade de me abrir ao mundo e estando em contato com ele também poder transformá-lo. É possibilidade de sonhar e construir uma sociedade mais humana.

Alfabetizar não é só ensinar um código, mostrando um caminho seguro por onde a criança possa caminhar. Alfabetizar é criar situações que o sujeito falante possa se tornar sujeito escritor e sujeito leitor muitas vezes descobrindo, ele mesmo, o caminho.

Além disso, alfabetizar tem um sentido muito mais amplo do que pensamos. Como educadores muitas vezes achamos que alfabetizar é apenas ler a palavra escrita. Não, alfabetizar é ir se tornando escritor e leitor de sua própria história, é princípio de cidadania, pois estar alfabetizado deve possibilitar ao indivíduo participar da sociedade em sua totalidade. Ser capaz de compreendendo o mundo, lendo o mundo, ir construindo uma nova história nele.

Se a escola se limita a ensinar apenas o código, a leitura e a escrita ficam presas a atividades escolares desconectadas do mundo. Mas se a escola pretende ser um local de formação de cidadãos a escola também trará para seu currículo a leitura do mundo, das relações nele estabelecidas de conflitos, discriminação, desigualdade; fazendo uma leitura crítica com o aluno e mostrando que um novo mundo é possível de ser construído. Um mundo mais humano.

Dessa forma, o sentido de leitura e escrita se amplia. Ler não é apenas ler a palavra. É ler o mundo, as cores, as situações, as pessoas, os cheiros, as sensações. É criar sentido, é interpretar e relacionar. Escrever não é repetir o que o outro disse, mas escrever o que eu mesmo refleti, minha própria palavra, é construção, possibilidade.

A escola é o lugar propício para o desenvolvimento da leitura e da escrita. È nela que a maioria da população tem acesso a materiais escritos, por isso acredito que a escola pode ser um lugar de vivência da experiência leitora e do cultivo do prazer e do

hábito de ler assim como do desenvolvimento da escrita. É isso que tenho vivenciado em minha prática e que aqui compartilhei.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond. A procura da poesia. Acessado em: <http://www.memoriaviva.com.br/drummond/poema025.htm> em 18 de junho de 2009

SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social*. Trad: Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007. 126p.

ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (orgs.) *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1984, 150 p.

_____.; MACEDO, Donaldo. Trad: Lólio Lourenço de Oliveira. *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. *A Importância do Ato de Ler, em três artigos que se complementam*. 2ª ed. Col. Polêmicas do nosso tempo. Vol. 4. São Paulo: Cortez, 1982, 96p.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Trad: Diana Lyriam Lichtenstein; Liana Di Marco; Mário Corso. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1999, 300p.

MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. Trad: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 405p.

PERONDI, José Dario; TRONCA, Dinorah Savitto; TRONCA, Flávia Zambom. *Processo de alfabetização e desenvolvimento do grafismo infantil*. Caxias do Sul: Ed. Educs, 2001, 264p.

ZACCUR, Edwiges. *Oralidade e escrita – o encontro das águas?* In: GARCIA, Regina Leite; SERRALHEIRO, José Paulo (orgs.) *Afinal onde está a escola?* Rio de Janeiro: Profedições, 2005, 220p.

_____. *Conta outras vez: a construção da competência narrativa*. In: GARCIA, Regina Leite (org.) *Revisitando a pré-escola*. 6ªed. São Paulo: Cortez, 2005, 167p